

Revendo o Conceito de Comunicação Popular e as Concepções sobre o Estudo dos Meios¹

Gessiane Maria de Aquino SILVA²
Ingrid Marques de SOUSA³
Juliana Rodrigues de AQUINO⁴
Lígia Beatriz Carvalho de ALMEIDA⁵

Universidade Federal de Campina Grande

Resumo

Este artigo busca debater o conceito de comunicação popular, através de um breve resumo histórico em que será destacada a luta dos meios de comunicação para tornarem-se populares e democráticos. Além disso, este artigo também tem como objetivo alinhar o estudo sobre comunicação popular à inserção dos meios de comunicação como ferramenta pedagógica nas salas de aula. Para isso serão apresentados argumentos centrados na evolução da comunicação popular, a exemplo da web 2.0, que tornou-se ferramenta importante para democratização dos meios. Todo o estudo parte da fundamentação e das bases teóricas da Educomunicação, principal pilar para propagar uma comunicação dialógica, democrática e participativa.

Palavras Chaves: Comunicação Alternativa; Comunicação para a Educação; Comunicação Popular; Educomunicação.

1 Introdução

Este artigo foi produzido por alunas do curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, PB, para a disciplina Fundamentos da Educomunicação II, como requisito de avaliação para as atividades curriculares. O interesse pelo tema veio através dos questionamentos criados em sala de aula.

É indiscutível que os meios de comunicação tiveram grande influência na sociedade nos últimos anos. A democratização da mídia e sua inserção nas escolas, como ferramenta pedagógica, fez abrir o debate quanto à proporção da sua influência na vida das pessoas. É

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social (Educomunicação) da UFCG, e-mail: gmaquinos@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social (Educomunicação) da UFCG, e-mail: ingridmarquesds@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social (Educomunicação) da UFCG, e-mail: julianarodriguesaquino@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho – Profa. Assistente do curso de Comunicação Social (Educomunicação) da UFCG, e-mail: ligiabia@gmail.com.

preciso compreender que com a popularização da TV e do Rádio e, posteriormente, a chegada da web 2.0, a comunicação popular ganhou força. Seu objetivo é conscientizar os indivíduos quanto à influência social e cultural da grande mídia.

Com os novos avanços tecnológicos e a necessidade de informação, os meios de comunicação passaram por reformulações. O seu uso nas escolas sofreu diversas restrições e alguns países da Europa, assim, como os Estados Unidos e países da América Latina tiveram concepções diferentes quanto ao uso das mídias nas salas de aula. Muitos países passaram por governos ditatoriais, e assim os veículos de comunicação sofreram restrições, até mesmo informações referentes aos atos do governo não chegavam a população. Foi dentro desse contexto que a comunicação popular teve destaque, trazendo como bandeira de luta uma concepção de comunicação participativa e democrática. Comunicação esta que não deveria se fazer presente apenas em um aparelho de tv ou de rádio ligado, mas na participação efetiva dos indivíduos no processo de construção das mensagens. A educomunicação torna-se pilar para esse estudo, pois busca reformular o estudo dos meios, assim como garantir que todos os segmentos da sociedade possam produzir, efetivamente, comunicação.

2 Comunicação popular e alternativa

No ano de 1964, o Brasil adentrou a fase de maior controle estatal que o país já vivenciou: a ditadura militar, período que durou 21 anos. Essa época foi marcada pelo veto dos direitos estabelecidos pela Constituição, pelo despotismo, pela censura, opressão policial e encarceramento dos que se opunham ao regime. Os meios de comunicação foram censurados intensamente, tudo era acompanhado de perto pelos censores do governo. A imprensa e a indústria cultural foram silenciadas. O interesse dos governantes era passar para a população que o país estava na mais perfeita ordem e impedir que os jornais divulgassem as arbitrariedades que aconteciam no país (KUCINSKI, 1991).

Em meio a esse contexto, diversos movimentos populares surgiram e a sociedade descobriu a necessidade de criar mídias alternativas que lhe permitisse criticar a ditadura, mas também utilizar as técnicas e tecnologias da comunicação para se articular, fortalecer e alcançar seus objetivos. Nesse cenário surge a comunicação popular.

A comunicação alternativa teve forte atuação nos anos 1960 aos 1980. Esse tipo de comunicação se caracterizava tanto por ser popular, como por ser aquela que não estava dentro dos padrões da mídia tradicional, ou seja, ela ia contra os moldes do regime militar,

o qual não desejava que a população brasileira soubesse da real situação do país. A imprensa alternativa era produzida através de pequenos jornais, que criticavam e contestavam a ditadura (PERUZZO, 2006).

Muitos jornais alternativos foram criados, mas os mesmos não publicavam mais de duas ou três edições, sendo fechados. Surgiram também muitos jornais clandestinos, que eram feitos em péssimas condições. Criticavam muito os militares e tinham conteúdos ideológicos sempre ligados ao comunismo. Nessa época produzir e difundir folhetins, boletins, jornais, entre outros, significava um grande risco de prisão. Muitos jornalistas, como Vladimir Herzog, foram assassinados. Outros foram exilados. Dentro desse contexto, a comunicação popular começa a ganhar bastante expressividade no final dos anos 1970 envolvendo as classes subalternas (KUCINSKI, 1991).

Esse movimento está inserido nas atividades de comunicação popular. Segundo Peruzzo:

A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo de prática em questão. Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política (PERUZZO, 2006, p.2).

A comunicação popular prioriza o diálogo como troca de informação, de forma que essa interação desperte a consciência crítica de uma determinada comunidade, valorizando o saber e a cultura local. Essa comunicação apesar de não ter influência massiva na sociedade é de suma importância para as comunidades em que está inserida.

Diversos autores se dedicaram ao estudo da comunicação popular na América Latina, entre eles se destaca Mário Kaplún (1985, p.17), que observava a comunicação popular como uma “comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”. Ressaltando os aspectos educativos desse tipo de processo de comunicação, o autor considerava a comunicação, como instrumento de educação popular e fomentadora de um processo educativo transformador.

Reforçando as ideias de Kaplún (1985), Lima e Oliveira afirmam que:

Na comunicação popular comunitária, informação não é sinônimo de comunicação. A informação é considerada um processo de mão única. Ou seja, ela é transmitida por um emissor a um receptor. Trata-se de um processo autoritário. A comunicação autêntica é diferente desse processo. Para que ela exista, é preciso que haja diálogo, um processo de mão dupla, em que tanto o emissor quanto o receptor são agentes de um sistema de comunicação que

funciona de maneira horizontal, e não algo dado e que deverá ser apenas transmitido de A para B (LIMA; OLIVEIRA, 2013, p.7).

A comunicação popular e alternativa é marcada pelas lutas populares e tem como objetivo a transformação social e a ampliação dos direitos dos cidadãos. Tem a população como principal protagonista, o que a torna um processo educativo e democrático. As classes subalternas vão utilizá-la para se expressarem e mostrarem sua percepção de mundo, visando alcançar seus objetivos. O cidadão incluído nesse sistema tende a ver o mundo em que está inserido de outra forma, inserindo novos valores em sua cultura.

2.1 A comunicação popular em tempos de web 2.0

As novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) possibilitaram novas oportunidades para a comunicação popular. A web 2.0, é um exemplo disso, ela contribuiu para a evolução da comunicação popular e para o sistema comunicacional em si, pois disponibiliza um espaço de experimentação, de interação e também possibilita a prática da democracia.

A Web 2.0 é a versão recente da internet, cujo objetivo é fornecer aos usuários uma plataforma de navegação que facilite o compartilhamento de informações, e o mais importante: a colaboração entre eles. O utilizador dessa ferramenta tanto é consumidor, como produtor das informações. O blog é um dos instrumentos mais conhecidos da web 2.0 e é bastante utilizado para contextos educativos.

Essa versão da internet é de suma importância para a comunicação popular, pois possibilita aos usuários uma interação maior, por meio da qual eles vão ser consumidores das informações, mas também produtores. Isso tudo vai possibilitar que o cidadão tenha uma participação ativa e poderá utilizar esse canal para as mais diferentes manifestações públicas. A participação dos cidadãos na produção e transmissão dessas informações faz com que eles se tornem sujeitos ativos, sentindo-se estimulados a produzir as mensagens que, tradicionalmente, recebem prontas das mídias, tornando-se emissores e não apenas receptores.

Essa comunicação pode ser amplificada havendo uma intervenção educativa, de modo que os sujeitos que utilizam esses recursos sejam orientados para o uso das técnicas e tecnologias de comunicação por instituições, profissionais e acadêmicos, através de oficinas e treinamentos.

2.2 A evolução das concepções sobre o estudo das mídias

Os meios de comunicação ao longo dos anos foram ganhando novos significados e roupagens. Com o avanço da industrialização e o enorme poder bélico criado com as grandes guerras do século XX, a sociedade sentia cada vez mais necessidade de informação. O desenvolvimento dos meios de comunicação deram grandes saltos, a exemplo da TV e do rádio, que tiveram popularidade nas décadas de 1940 e 1950 (ALMEIDA, 2012).

No ano de 1920, foram desenvolvidos programas para a educação para a mídia no cenário mundial. Norteados por diversas motivações, esses programas começaram a transformar as concepções sobre a influência da mídia na sociedade, originando as diferentes vertentes descritas nos próximos parágrafos (ALMEIDA, 2012).

Na década de 1930, por exemplo, muitas escolas colocavam o cinema como instrumento de aprendizado, mas esse cinema sofria restrições da igreja católica. Os filmes escolhidos para serem exibidos eram classificados por faixa etária. Nessa época, o cinema era visto como algo perigoso. Para a igreja o cinema trabalhava apenas com a emoção, deixando a razão em segundo plano, prejudicando, assim, o desenvolvimento social e cultural de crianças e jovens. Nessa década ficou conhecida a vertente inoculatória (ALMEIDA, 2012).

Nos anos 1960 e 1970, adentramos a vertente culturalista e pouco há na mudança comportamental acerca da abordagem das mídias nas salas de aula. Nela, os professores selecionavam os filmes “dignos” de serem exibidos para os alunos. Ainda era forte, neste período, a divisão entre cultura erudita e popular. Os filmes cinematográficos, que expunham a vida cotidiana, não eram vistos com bons olhos. Mas foi no ano 1980, que vivenciamos o culturalismo. Época conhecida por mudar o olhar das escolas para com as mídias. Crianças e jovens começaram a aprender a usar os meios de comunicação de forma criativa e, efetivamente, pedagógica (ALMEIDA, 2012).

A UNESCO desempenha um papel relevante, impulsionando mudanças nesse cenário:

Em meados dos anos 70, a UNESCO reuniu especialistas de diferentes países com a finalidade de estudar as relações entre os mundos da educação e da comunicação. Como resultado, publicou-se o documento *A educação em matéria de comunicação*, texto considerado fundamental na educação para os meios. Esse mesmo organismo, naquela época, estimulou os Estados a criarem políticas nacionais e regionais de comunicação, oferecendo princípios para a difusão de práticas educativas nessa área (REDE SALESIANAS, 2010, p.38)

2.3 Motivações iniciais para o estudo dos meios

Na Europa foram feitos estudos para compreender os níveis de letramento midiático da população, cujos resultados levaram à elaboração e à promoção de documentos que afirmavam que a posse do conhecimento havia se transformado em sinônimo de riqueza, devendo por isso ser valorizado nas sociedades. As escolas, naquele continente, preparavam os jovens para o mercado de trabalho de forma a tornar o país competitivo e trazer lucro para a nação (ALMEIDA, 2012).

Nos Estados Unidos, por se tratar de um país produtor de cultura de massa e tecnologia, se deu maior importância ao investimento em tecnologia, colocando em segundo plano a influência das mensagens midiáticas na sociedade e seu estudo nas escolas. Nos anos 1990, entretanto, cresce o índice de violência entre jovens e os meios de comunicação foram considerados responsáveis por isso. Dessa forma, a leitura crítica dos meios passa a ser adotada nas escolas estadunidenses, só que de forma fragmentada.

Nas décadas de 1960 e 1970, a Austrália preocupa-se com o desinteresse das crianças pelas aulas tradicionais. A estratégia utilizada foi a inserção de tecnologia e mídias na educação.

Já o Canadá sofreu com outro problema: por meio das novas tecnologias e o uso da mídia, a cultura estadunidense se propagava no país, influenciando os jovens, o que levaria as escolas canadenses a inserir o estudo da mídia nas salas de aula.

Na América Latina três fatores impulsionaram os programas de educação para a comunicação. O primeiro diz respeito à popularização do acesso à tecnologia, que aconteceu de forma lenta por questões políticas e econômicas; o segundo decorre da ameaça à integridade da cultura local, em função da invasão dos produtos culturais estadunidenses; o terceiro é o mais marcante dos fatores: vários países da América Latina passavam por regimes ditatoriais e os meios de comunicação foram usados para controle da população e para propagação dos ideais políticos e econômicos desses governos.

A Constituição brasileira deixa claro que todo cidadão tem o direito à comunicação. Esse direito não está restrito ao acesso aos meios, mas a seu uso, permitindo que as pessoas se desloquem do papel de receptor para o de emissor, produzindo informações de acordo com seus objetivos e necessidades, lançando mão principalmente da comunicação alternativa.

2.4 Educomunicação e a comunicação popular

Educomunicação é um novo conceito acerca da comunicação, que surgiu por volta da década 1970, mas não teve um grande destaque e a princípio não recebeu esse nome. Ele surgiu a partir de pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação e Educação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, coordenado por Ismar de Oliveira Soares, um dos grandes nomes da Educomunicação. Apesar de ser um termo recente, ele já era bastante discutido e desenvolvido na prática (FREIRE; CARVALHO, 2012).

Segundo Ismar Soares, a Educomunicação é:

o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar a capacidade de expressão das pessoas. (SOARES, 2003, p.1).

A Educomunicação surgiu para suprir a necessidade de uma melhor interação na sociedade, possibilitando a formação de um indivíduo consciente e informado, incentivando-o, também, a fazer uma leitura crítica dos meios e a analisar melhor os fatos, além de, proporcionar melhorias nos processos comunicativos na sociedade e também no campo educacional.

Seu principal objetivo é despertar a criticidade do indivíduo, que deixa de ser apenas receptor das informações, tornando-se também produtor. Dessa forma, o sujeito perceberá que é capaz de produzir conteúdo, rompendo com a visão retrógrada de que não podem ser produtores de informação e que só a mídia pode fazer isso.

As práticas educacionais colaboram no processo educacional, ensinando aos sujeitos todo o processo de comunicação, para que, desde cedo possam fazer bom uso dos meios e também transformar a maneira com que a tecnologia é utilizada nas escolas e na sociedade, nas quais, diversas vezes, o uso das mídias e das tecnologias é feito de maneira pouco atrativa, ou tradicional. É importante transformar o conceito de que apenas aquilo que é veiculado nos veículos de massa deve ser tido como verdade.

A Educomunicação se apropria de sete áreas de intervenção que têm por finalidade planejar e implementar os ecossistemas comunicativos, exercendo o processo

educativo em todos os âmbitos da sociedade e ampliando o acesso aos meios para todos os cidadãos. (SOARES, 2014)

- *Educação para Comunicação*- tem por finalidade o estudo dos meios de comunicação e a influência das mídias frente à sociedade e seus impactos. Essa área estimula o poder crítico frente aos meios e ensina a usá-los de maneira criativa e proveitosa.
- *Expressão comunicativa através das artes*- expressar-se através das artes, além da racionalidade abstrata, põe em prática a imaginação. Nela, crianças e jovens se expressam com espontaneidade descobrindo a própria palavra e sua maneira particular de dizê-la aos outros. Muito usada nas escolas essa área de intervenção ajuda em um diálogo comunicativo através das pinturas, desenhos, poemas, entre outras formas de arte.
- *Mediação tecnológica na Educação*- envolve o uso das tecnologias como ferramenta de ensino na sociedade, propondo projetos educativos que façam o uso das novas tecnologias e abranja as diferentes linguagens que ela traz. Nas escolas elas são usadas para passar de forma diferente o conteúdo didático e estimular a interação entre aluno e professor. A tecnologia não deve ser usada como salvadora da educação, mas como instrumento para “o fazer” educativo pondo-a a serviço do crescimento da pessoa.
- *Pedagogia da comunicação*- professor e aluno trabalham juntos promovendo a multiplicação de agentes educativos para a ação de projetos;
- *Gestão da comunicação*- essa área está voltada para execução de projetos que integrem as demais áreas exigindo o aporte de um especialista ou gestor. Neste caso o Educomunicador.
- *Reflexão epistemológica*- nela, há o estudo da inter-relação entre educação e comunicação.
- *Produção Midiática* - Essa área centra-se no estudo da produção midiática que tenha como parâmetro a Educomunicação, ou seja, analisa programas, ações e produtos da mídia que tenham esse viés.

A educomunicação nasce em relação direta com a comunicação popular, ou até mesmo como um complemento dessa modalidade de comunicação, em interface com a

educação, pois ela é uma forma diferente de pensar a mídia e produzir mensagens midiáticas, tendo como foco os interesses da sociedade. Assim como a comunicação popular, a educomunicação tem como objetivo provocar a reflexão de um determinado grupo de pessoas sobre questões que envolvam a cidadania e a cultura de um determinado local, tendo como suporte a mídia, que reflete os embates pelo poder na sociedade.

Conclusão

Com o aumento da população mundial, ampliou-se a necessidade da mesma de expressar-se criticamente acerca de temas comuns, passados pela mídia. Os avanços tecnológicos e o surgimento da Web 2.0 proporcionou ao cidadão ampliar suas fontes de informação, como também a produzir comunicação.

Ao longo dos anos, movimentos sociais e a sociedade em geral lutaram para que o direito à comunicação fosse garantido e hoje, com todas as mudanças realizadas, a população pode participar ativamente na construção da produção midiática. Com ajuda das mídias o indivíduo pode exercer o papel de cidadão ativo na sociedade, em consequência do estudo dos meios e se apropriando deles.

A utilização dos meios tanto deve acontecer nas escolas como também em comunidades, proporcionando um melhor diálogo entre as pessoas. Sendo assim, a Educomunicação, por meio de suas áreas de intervenção, contribui para empoderar os cidadãos e estimular o uso da comunicação popular e comunitária formando ecossistemas em que o diálogo flua em prol da democracia, levando os sujeitos a uma compreensão crítica do papel da comunicação e dos meios de comunicação na vida social.

Referências

ALMEIDA, L.B.C. **Educomunicação**: o pensamento latino-americano sobre educação para a mídia e a produção literária sobre o tema. In: CELACOM, 2012, Bauru. Disponível em: <<https://ligiabeatriz.files.wordpress.com/2016/01/lc3adgia-beatriz-celacom-2012.pdf>> Acesso em: 2 de abr. 2016.

_____. **Formação do professor do ensino básico para a educação para a mídia**: avaliação de um protótipo de currículo. 2012. 243f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/102217>> Acesso em: 24 maio 2016.

COUTINHO, Clara Pereira; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. Blog e Wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0. In M. J. Marcelino & M. J. Silva (org.), **actas do IX**

Simpósio Internacional de Informática Educativa, (SIIE 2007a), 199- 204. Porto: ESE-IPP. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf>> Acesso em: 2 de abr. 2016.

FREIRE, M.T.M.; CARVALHO, D.W. **Educomunicação: Construção Social e Desenvolvimento Humano – um relato de pesquisa**. Seminário de Educação na Região Sul, 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Comunicacao_e_Tecnologias/T_rabalho/06_22_34_2381-7546-1-PB.pdf> Acesso em: 24 maio 2016.

GONÇALVES, Adilson José. A ditadura das imagens. **Revista Histórica**. São Paulo, ed. 14, set. 2006. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao14/materia02/texto02.pdf>> Acesso em: 2 de abr. 2016.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Página Aberta, 1991. Disponível em: <<http://www.nacorrenteza.jor.br/blog/wp-content/uploads/2012/02/jornalistas-e-revolucionarios-kucinski.pdf>> Acesso em: 24 maio 2016.

LIMA, F.M.; OLIVEIRA, E.B. As contribuições de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin para a educomunicação. **Revista temática**. Ano IX, n. 02, 2013. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2013/Fevereiro/paulofreire_mikhailbakhtin_educomunicacao.pdf> Acesso em: 2 abr. 2016.

MEDDI, Jeocaz. **Virtuália. O manifesto digital**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/itqturma201/como-colocar-as-referencias-segundo-a-abnt>> Acesso em: 4 abr. 2014.

MORAN, José Manuel. **Leituras dos meios de Comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993, p.73-76.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. In: XXIX Congresso da Intercom – set. 2006, Brasília-DF. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>> Acesso em: 3 abr.2016.

_____. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

REDE SALESIANA DE ESCOLAS. **Educomunicação: desafio à Família Salesiana**. 1. ed. Brasília: Cisbrasil - CIB, 2010, p.37-45. Disponível em: <http://edbbrazil.org.br/literatura-salesiana/files/0074_20120328112134.pdf> Acesso em: 04 abr. 2016.

_____. **Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida**. Núcleo de Comunicação e Educação da

Universidade de São Paulo, São Paulo, [2003?]. Disponível em: <
<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>> Acesso em: 24 maio 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas). **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 135-142, 2014. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81225>> Acesso em: 24 maio 2016.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011-(Coleção Educomunicação).